



# FICE

8<sup>A</sup> A FEIRA DE INICIAÇÃO  
CIENTÍFICA E EXTENSÃO

05 E 06 DE SETEMBRO

## SEGUINDO AS PISTAS DO PASSADO: investigando e reconstruindo a história de Sarah Baartman<sup>1</sup>

*Evelyn Camille Rodrigues dos Santos<sup>2</sup> ; Sabrina Zanon<sup>3</sup>;  
Adriano Bernardo Moraes Lima<sup>4</sup>; Cristiane A. F. Grumm; Solange F. Vieira<sup>5</sup>*

### INTRODUÇÃO

A presente pesquisa tem como objetivo principal produzir um material didático com um conjunto de documentos históricos selecionados e organizados e elaborar problematizações que permitam compreender o processo de investigação, desenvolvendo a consciência histórica. Para tanto, desenvolveu-se o estudo da trajetória de Sarah Baartman (1789-1815), uma jovem da etnia khoikhoi (atual África do Sul) para compreender e problematizar os processos de construção de discursos racializados sobre os povos africanos, a partir do início do século XIX.

Através da iconografia publicada nos periódicos, panfletos e obras franceses e ingleses (disponíveis no *The British Museum*), identificou-se tais discursos e observou-se os repertórios de representação e práticas representacionais sobre o corpo feminino negro que serviram para marcar as diferenças e dar significado racializado ao público europeu, construindo a consciência de sua normalidade e de sua superioridade racial.

Além do aspecto da hierarquização das “raças” – teorias propostas pelo pensamento científico europeu no oitocentos –, a trajetória da jovem auxilia-nos a pensar, sem prejuízo para a primeira questão, os repertórios de representação e práticas representacionais sobre o corpo feminino e a naturalização de padrões

---

<sup>1</sup> Pesquisa desenvolvida no Instituto Federal Catarinense, campus Videira, através do edital 031/2018, PIBIC-EM, financiada pelo CNPQ.

<sup>2</sup> Estudante do Curso Técnico em Eletroeletrônica Integrado ao Ensino Médio do Instituto Federal Catarinense, campus Videira. E-mail: evelyncamiler@gmail.com

<sup>3</sup> Estudante do Curso Técnico em Agropecuária Integrado ao Ensino Médio do Instituto Federal Catarinense, campus Videira. E-mail: sabrinazanon03@gmail.com

<sup>4</sup> Professores Orientadores do Instituto Federal Catarinense, campus Videira. E-mail: adriano.grumm@ifc.edu.br

<sup>5</sup> Professoras Colaboradoras do Instituto Federal Catarinense, campus Videira. E-mail: cristiane.grumm@ifc.edu.br; solange.vieira@ifc.edu.br



# FICE

8ª A FEIRA DE INICIAÇÃO  
CIENTÍFICA E EXTENSÃO

05 E 06 DE SETEMBRO

estéticos de matriz europeia veiculados na mídia atual e de época como representativos da normalidade. Estes discursos continuam servindo de suporte para a mentalidade sexista, patriarcal e racista presentes na cultura de massa consumida pelos jovens brasileiros.

Nesse sentido, há uma necessidade premente em se abordar temáticas relacionadas às questões étnico-raciais e de gênero no ambiente escolar, a fim de promover a equidade de gênero e o combate ao racismo, estimulando a capacidade de problematizar o processo histórico que deu origem à objetificação do corpo feminino – em maior grau, o da mulher negra – e à formação de padrões estéticos e normas de comportamento feminino.

Promover esta mudança de entendimento a respeito da mulher, especialmente, a negra na região em que está localizado o campus Videira contribui para a prevenção da violência contra a mulher – visto que este lamentável fenômeno social atinge índices alarmantes na região – e a discriminação racial em uma cidade que vem recebendo número crescente de imigrantes haitianos e angolanos.

## **PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS (materiais e métodos)**

Nas primeiras décadas do século XX, o historiador francês Marc Bloch afirmou que “o passado, é por definição, um dado que coisa alguma pode modificar. Mas o conhecimento do passado é coisa em progresso, que ininterruptamente se transforma e se aperfeiçoa”. Para o referido historiador, a história é a ciência que estuda o homem no tempo. E, nesse sentido, “é quase infinita a diversidade dos testemunhos históricos. Tudo quanto o homem diz ou escreve, tudo quanto fabrica, tudo em que toca, pode e deve informar a seu respeito” (BLOCH, 1997, p. 109; 114).

Partindo dessas premissas de Bloch, todo trabalho de História refere-se ao estudo das pessoas inseridas em seu contexto histórico e exigem o uso e tratamento adequado dos vestígios deixados pelos homens do passado - as fontes ou documentos históricos. Portanto, toda pesquisa de História é documental e exige a problematização - perguntas instigadas no presente para o documento que é o vestígio do passado.



# FICE

8ª A FEIRA DE INICIAÇÃO  
CIENTÍFICA E EXTENSÃO

05 E 06 DE SETEMBRO

Segundo Jörn Rüsen (2011a; 2011b; 2011c), a aprendizagem da História é um processo de desenvolvimento da consciência histórica, ou seja, as atividades da memória histórica que interpretam as experiências do passado. A aprendizagem histórica possui três dimensões: a experiência, a interpretação e a orientação. Essas três dimensões quando estimuladas permitem o desenvolvimento da narrativa histórica mais aperfeiçoada.

Portanto, considerando que toda pesquisa histórica é documental e exige a problematização dos documentos e que a aprendizagem histórica é, ao mesmo tempo, experiência, interpretação e orientação, a metodologia empregada para o desenvolvimento da presente pesquisa com intenção de cumprir o objetivo geral proposto, apresentou os passos descritos a seguir:

1) Num primeiro momento, preocupou-se em realizar o levantamento bibliográfico (artigos científicos, livros e trabalhos acadêmicos) sobre os aspectos da trajetória de vida de Sarah Baartman, do espaço geográfico e do contexto histórico.

O foco recaiu sobre:

a) investigar o processo histórico de colonização holandesa no sul da África, região em que viviam os povos *khoikhoi* e *san* e analisar o significado destes termos étnicos;

b) estabelecer as características do espaço geográfico em que nasceu e viveu Sarah Baartman;

c) analisar os impactos geográficos e populacionais da colonização holandesa no sul da África;

d) problematizar o que eram os *freak shows* e analisar o seu papel na formação de uma consciência de superioridade racial europeia frente às demais populações do globo terrestre.

Nessa primeira etapa da pesquisa, a equipe enfrentou seu primeiro grande desafio: a imensa produção acadêmica internacional sobre a história de Sarah Baartman e a língua estrangeira, pois quase a totalidade de textos encontrados estavam em inglês (e exigiam a tradução). Paralela a seleção de textos acadêmicos, realizou-se a tradução daquilo que seria essencial para a pesquisa.

2) Num segundo momento, explorou-se o site do projeto “Detetives do Passado”, idealizado pelas professoras Keila Grinberg e Anita Correia Lima e o



# FICE

8ª A FEIRA DE INICIAÇÃO  
CIENTÍFICA E EXTENSÃO

05 E 06 DE SETEMBRO

Núcleo de Documentação, História e Memória (NUMEM) da Escola de História da UNIRIO. As estudantes, inicialmente, acessaram o site <<http://www.numemunirio.org/detetivesdopassado/>> e analisaram detalhadamente como o jogo digital foi pensado e organizado.

3) Na etapa seguinte, a preocupação central da equipe direcionou-se para selecionar os documentos históricos – textos historiográficos, fontes iconográficas e escritas da época – que seriam utilizados para a produção do material didático. Dois aspectos são essenciais em relação à esse terceiro momento:

a) o *The British Museum* possui um acervo *online* denominado “*Collection online Sartjee the Hotentot Venus*” com aproximadamente 30 fontes iconográficas com referência completa, autoria, dimensões, descrição e transcrição. Conseguimos um vasto acervo documental, porém em língua estrangeira exigindo tradução.

Ao analisar a documentação iconográfica encontrada e cruzar com as leituras teóricas que estavam sendo realizadas, a equipe chegou a conclusão que havia equivocadamente apontado para uma direção e que os documentos históricos e a teoria exigiam uma nova problematização. Foi nesse momento que percebeu-se que o título da pesquisa deveria ser outro.

b) Observou-se também que apesar da proposta do jogo “Detetives do Passado” ser muito legal, interessante, instigante e inovadora, não respondia aos anseios da equipe de pesquisadoras e pesquisador. Optou-se em realizar um material didático mais interativo e inclusivo que será descrito nos resultados.

## RESULTADOS E DISCUSSÕES

### SARAH BAARTMAN: EXPERIÊNCIAS DOLOROSAS

Sarah Baartman (1789-1815) era uma jovem da etnia khoikhoi, atual África do Sul. A sua trajetória e experiência possui interconexões com o contexto do início do século XIX: o desenvolvimento das Ciências Naturais e a compulsão dos naturalistas para identificar, catalogar e classificar as diferenças morfológicas entre os animais, incluindo as diferentes populações humanas do globo (MOORE, 2007).

Como várias mulheres da sua etnia, apresentava uma alteração em sua anatomia conhecida como esteatopigia. Suas dimensões corporais, consideradas



# FICE

8ª A FEIRA DE INICIAÇÃO  
CIENTÍFICA E EXTENSÃO

05 E 06 DE SETEMBRO

“excêntricas” segundo a perspectiva europeia, chamaram a atenção do cirurgião e oficial do exército britânico Willian Dunlop, que conseguiu autorização da administração colonial para levar a jovem à Londres, em 1810 (MOORE, 2007; DAMASCENO, 2008).

Sob promessas de enriquecimento mediante apresentações artísticas em eventos promovidos para a nobreza britânica, Sarah foi enganada e teve que se submeter a situações degradantes. Para sobreviver na Inglaterra, era obrigada por seu “empresário” a se apresentar como atração nos *freak shows*, espécie de “circo dos horrores” que exploravam pessoas com anomalias genéticas ou doenças físicas e mentais, atraindo a curiosidade do público deseioso em estar cara a cara com “seres monstruosos”. Anunciavam-na como a extraordinária “Vênus Hotentote”. Além destes espetáculos, Sarah era submetida a aviltantes exposições a juntas científicas, formadas exclusivamente por homens, que escrutinavam de modo invasivo o seu corpo nu a fim de desenvolverem estudos de anatomia comparada, estabelecendo semelhanças com orangotangos (DAMASCENO, 2008).

Nos espetáculos de “aberrações”, Sarah não era apenas exposta nua e seu corpo associado à “animalidade” e à “hiperssexualidade”. Segundo Fernandes (2016, p. 692), Sarah era fluente na língua francesa, inglesa e holandesa, mas no *show* “era obrigada a grunhir quando cavalgada por seu treinador. Ao fim do evento, o público poderia apalpar suas nádegas, o que muitos faziam com agulhas ou alfinetes”.

Quando morreu, seu corpo foi estudado por anatomistas e teratologia (“ciência” que estudava o monstruoso, o anormal). No livro “*Mémoires du Muséum d’Histoire Naturelle*”, há um capítulo escrito por Georges Cuvier sobre o corpo de Sarah Baartman - “*Extrait d’observations: faites sur le cadavre d’une femme connue à Paris et à Londres sous le nom Vénus Hottentotte*” (p. 159-174).

Segundo Fernandes (2016, p. 692) Sarah foi essencial para estabelecer a “verdade científica”: partes do seu corpo (inclusive genitália) ficaram expostos no Museu do Homem, em Paris, até 1974. Em 1994, foram para a exposição “*Sculpture ethnographique au XIX è me siècle, de la Vénus hottentote à la Teruhan de Gauguin*”.

Segundo Fernandes (2016, p. 691), “Sarah Bartmann ou Saat-Jee, conhecida como a *Vénus de Hotentote*, não foi a única mulher negra explorada como atração circense pelas capitais europeias, mas sua trajetória é indicativa dos



# FICE

8ª A FEIRA DE INICIAÇÃO  
CIENTÍFICA E EXTENSÃO

05 E 06 DE SETEMBRO

modos pelos quais as mulheres negras foram (e ainda são) desumanizadas e estigmatizadas”. Fernandes (2016), destaca em seu texto que a mulher negra possui uma “dupla alteridade”: é um “outro” duplamente.

## **RACISMO: UMA PERMANÊNCIA HISTÓRICA**

Stuart Hall (2010), destaca que a construção do racismo científico no século XIX sustentou-se a partir de dois pilares: a diferença e o estereótipo. Para o autor, a diferença é relacional, ou seja, o “eu” é definido a partir da noção do “outro”. Portanto, de maneira binária. Já o estereótipo, reafirma a diferença ao apontar os limites entre o “eu” e o “outro” através da simplificação, do reducionismo e das oposições binárias. Segundo ele,

la estereotipación es, em outras palavras, parte del mantenimiento del orden social y simbólico. Establece a frontera simbólica entre lo “normal” y lo “desviante”, lo “normal” y lo “patológico”, lo “aceptable” y lo “inaceptable”, lo que “pertence” y lo que no pertenece o lo que es “Otro”, entre “internos” y “externos”, nosotros y ellos (HALL, 2010, p. 430).

Para Hall (2010), a construção de estereótipos sobre o “Outro” estabelece uma conexão intrínseca entre representação, diferenças e poder. Portanto, é do encontro com o “Outro” que surgem as práticas e representações da diferença racial.

A pesquisa bibliográfica e documental - especialmente a iconográfica, publicada nos periódicos franceses e ingleses - sobre Sarah Baartman permitiu problematizar os repertórios de representação e práticas representacionais (HALL, 2010) sobre o corpo feminino negro que serviram para marcar as diferenças e dar significado racializado ao público europeu no século XIX e reproduzir implicitamente, camuflados ou com novas roupagens pela cultura da mídia (KELLNER, 2001).

Os europeus desde os primeiros contatos com outros continentes preocuparam-se em construir representações do outro. Para Hall (2010) e Damasceno (2008) essas representações foram construídas de maneira binária e com objetivo claro de inferiorizar os povos não europeus e automaticamente enaltecer a superioridade da civilização branca ocidental. É exatamente nesse contexto que são elaboradas as teorias científico-raciais.



# FICE

8ª A FEIRA DE INICIAÇÃO  
CIENTÍFICA E EXTENSÃO

05 E 06 DE SETEMBRO

Segundo Damasceno (2008), a trajetória de Sarah Baartman está diretamente relacionada com a construção da noção de raça no ocidente: “Sarah Baartman deu corpo à teoria racista” (DAMASCENO, 2008, p. 2).

Michel Foucault (1993) ao analisar as origens do racismo, também aponta para uma relação binária em seu processo de construção. Além disso, considera o racismo como um dos elementos que constituem o biopoder. Para ele, os saberes – destaca os campos da medicina e da biologia - são campos estratégicos para a constituição dos “discursos-força”. Para Foucault “El poder de los Estados modernos y los discursos biologizantes se apoyaran sobre aquella contrahistória para desarrollar las bases teóricas del racismo” (FOUCAULT, 1993, p. 8).

Para o filósofo, a produção dos discursos está carregada de verdades e de mecanismos e instituições de poder. Foucault (2010) relaciona a historicidade da sexualidade com a institucionalização das diferentes esferas de poder.

Dessa maneira, tanto Scott (1995) quanto Foucault (2010; 2014), reforçam que gênero e identidade de gênero são frutos de processos históricos, sociais e culturais. E, portanto, em cada período histórico, as relações de gênero e de dominação, de valores e regras de comportamento, são social e historicamente construídas, significadas e ressignificadas.

## **CONSCIÊNCIA HISTÓRICA: A IMPORTÂNCIA DO ENSINO DE HISTÓRIA**

Muitos historiadores e pesquisadores do ensino de História levantam o questionamento: “para que serve a história” (especialmente pensando o saber histórico escolar). Dependendo da corrente historiográfica e do contexto histórico, elabora-se uma série de respostas. Lee (2011) afirma “não se escapa do passado” (LEE, 2011, p. 20). Alves (2015) aprimora a questão inicial: “qual a impotência do conhecimento histórico para a vida?” (ALVES, 2015, p. 324). O historiador alemão Jorn Rüsen (2011a) explica que “o aprendizado histórico pode, portanto, ser compreendido como um processo mental de construção de sentido sobre a experiência do tempo, através da narrativa histórica” (RÜSEN, 2011a, p. 43).

Segundo o historiador alemão “a especificidade da consciência histórica repousa no fato de que a perspectiva temporal – na qual o passado está relacionado



# FICE

8ª A FEIRA DE INICIAÇÃO  
CIENTÍFICA E EXTENSÃO

05 E 06 DE SETEMBRO

com o presente e através do presente com o futuro – é desenhada de modo mais elaborado e complexo. Especialmente em sua forma moderna” (RÜSEN, 2009, p. 168). Para o autor é indispensável que todo indivíduo, independente da sua idade, desenvolva a consciência histórica, ou seja, o ato de pensar historicamente. A consciência histórica só pode ser desenvolvida a partir do momento que o indivíduo amplia sua aprendizagem histórica através da sua maior aproximação e experiência com o passado, de buscar o significado e desenvolver a “competência de orientação” (RÜSEN, 2011c, p. 87).

Ao referir-se a competência de orientação, Rüsen (2011c) destaca como a aprendizagem histórica deve servir de prumo e orientar a vida prática, ou seja, desenvolver a consciência histórica para melhor interpretar o contexto em que se está inserido. Portanto, o conhecimento produzido numa pesquisa como a proposta neste projeto não deve ficar restrito à academia ou aos pesquisadores.

Essa perspectiva histórica de Rüsen (2009), permite problematizar um dos maiores problemas do ensino de história: o etnocentrismo. Para tanto, o historiador alemão propõe refletir sobre 3 princípios:

a) princípio da equidade: “Se aplicarmos o princípio da equidade na formação de identidade e, ao mesmo tempo, mantivermos a necessidade de produzir a diferença, o resultado lógico será o princípio do mútuo reconhecimento das diferenças” (RÜSEN, 2009, p. 179).

b) as condições de possibilidade: “(...) olhar para trás no passado e (...) as pré-condições da situação da vida presente e de suas mudanças projetadas no futuro” (RÜSEN, 2009, p. 180). Essa ideia alimentaria os desejos de ruptura e descontinuidade na experiência das pessoas no tempo.

c) multiperspectividade e policentrismo: ao considerar a equidade, é possível reconhecer as diferenças e permitir uma possível “comunicação intercultural” (RÜSEN, 2009, p. 180).

Em meio ao debate, Rüsen (2009, p. 179) apresenta o questionamento: “A integração de experiências profundamente dolorosas, negativas e mesmo desastrosas em nossa própria identidade provoca uma nova consciência dos elementos da perda e do trauma no pensamento histórico. Novos modos de lidar com essas experiências, de processá-las, tornam-se necessários”.





# FICE

8ª A FEIRA DE INICIAÇÃO  
CIENTÍFICA E EXTENSÃO

05 E 06 DE SETEMBRO

Foi exatamente esse desejo que representou uma luz no fim do túnel: uma experiência dolorosa de uma mulher no passado – que além das questões relacionadas a gênero, associaram-se aspectos da sua cultura, do seu povo, do seu grupo étnico, considerado inferior – que teve seu corpo exposto, tocado, usado, modelado, inferiorizado. Passados mais de 100 anos, muitos corpos femininos negros (e também não apenas femininos, ou também não apenas negros) continuam tendo experiências dolorosas no presente. Procurou-se portanto, a partir de uma perspectiva histórica de equidade, respeitando as diferenças, de multiperspectividade e policentrismo, problematizar se há condições de possibilidades. Ou seja, se olharmos para o passado, a experiência e trajetória de Sarah Baartman pode nos inspirar a vermos perspectivas de futuro, de construir uma narrativa que possa orientar as ações para a superação e a ruptura de uma sociedade que construiu-se e mantém o racismo estrutural.

De maneira mais palpável, ao analisar a documentação iconográfica encontrada no *The British Museum – “Collection online Sartjee the Hotentot Venus”* – e cruzar com as leituras teóricas – consciência histórica, racismo científico, estereótipos, repertórios de representação e práticas representacionais, corpo feminino negro, cultura de massa e mídias – a equipe chegou a conclusão que havia equivocadamente apontado para uma direção e que os documentos históricos e a teoria exigiam uma nova problematização. Foi nesse momento que percebeu-se que o título da pesquisa deveria ser outro: **O RACISMO NOSSO DE CADA DIA.**

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ao realizarmos a etapa de pesquisa e seleção de documentos históricos – textos historiográficos, fontes iconográficas e escritas da época – que seriam utilizados para a produção do material didático nos deparamos com dois aspectos incomodos:

1) no acervo *online* denominado “*Collection online Sartjee the Hotentot Venus*” encontramos aproximadamente 30 fontes iconográficas com referência completa, autoria, dimensões, descrição e transcrição. Ao ver as imagens - todas eram charges - e analisar as descrições percebemos como aquelas palavras e situações “engraçadas” expunham o corpo da Sarah e suas características físicas.



# FICE

8ª A FEIRA DE INICIAÇÃO  
CIENTÍFICA E EXTENSÃO

05 E 06 DE SETEMBRO

Começamos a associar exatamente com as leituras teóricas e os conceitos que vínhamos lendo e construindo – consciência histórica, racismo científico, estereótipos, repertórios de representação e práticas representacionais, corpo feminino negro, cultura de massa e mídias - com a dupla alteridade do corpo da mulher negra, mas acima de tudo, de como na mídia do século XIX até o XXI explorou imagens estereotipadas e representações que reforçam o racismo.

2) observamos que, apesar da proposta do jogo “Detetives do Passado” ser muito legal, interessante, instigante e inovadora, não respondia aos anseios que tínhamos em relação à experiência dramática da Sarah Baartman: que além das questões relacionadas a gênero, associaram-se aspectos da sua cultura, do seu povo, do seu grupo étnico, considerado inferior – que teve seu corpo exposto, tocado, usado, modelado, inferiorizado. Chegamos também à conclusão que o jogo não deixada emergir o protagonismo do participante.

Queríamos desenvolver algo mais interativo e inclusivo. Passados mais de 100 anos, muitos corpos femininos negros (e também não apenas femininos, ou também não apenas negros) continuam tendo experiências dolorosas no presente. Procuramos, portanto, a partir de uma perspectiva histórica de equidade, respeitando as diferenças, de multiperspectividade e policentrismo, e a historicidade de cada época problematizar se há “condições de possibilidades”, como proposto por Rüsen. Nosso olhar voltou-se para o passado, para como a experiência e trajetória de Sarah Baartman pode nos inspirar a vermos perspectivas de futuro, de construir uma narrativa que possa orientar as ações para a superação e a ruptura de uma sociedade que construiu-se e mantém o racismo estrutural. Passamos então a pesquisar imagens posteriores a Sarah Baartman que representam estereótipos que reforçam o racismo nosso de cada dia.

Concluimos que nossas inquietações com os documentos históricos sobre Sarah Baartman e sua trágica e dolorosa história de vida exigia uma problematização sobre os corpos negros femininos e não negros e não apenas femininos no presente e o papel das mídias na perpetuação, consolidação e reprodução do **RACISMO NOSSO DE CADA DIA**. Optamos em montar um mural (estilo biombo em três partes, em madeira). Nele, através de imagens selecionadas problematizaremos a história da Sarah Baartman, os estereótipos e o papel das



# FICE

8ª A FEIRA DE INICIAÇÃO  
CIENTÍFICA E EXTENSÃO

05 E 06 DE SETEMBRO

midas no presente e no passado em perpetuar, consolidar e reproduzir o racismo no nosso cotidiano. Preocupou-se em direcionar a pesquisa de forma a contribuir para a promoção de ações pedagógicas de combate ao racismo no ambiente escolar, uma vez que atende aos princípios ontológicos contidos nas Leis 10.639/2003 e 11.645/2008.

Dois pressupostos tornam-se indispensáveis ao pensar o ensino de história e suas intencionalidades: o desenvolvimento da consciência histórica e a aprendizagem histórica – uso e problematização de documentos históricos (evidências). Esses dois pressupostos implicam em repensar a didática da história (Penna, 2014) e um currículo voltado para as diversidades (Silva, 2010; Torres; Ferreira, 2014). Trata-se do trabalho com questões de gênero e étnicas – exigências da Lei 10639/2003.

A importância desta pesquisa reside na necessidade premente em se abordar temáticas relacionadas às questões étnico-raciais e de gênero no ambiente escolar. O acesso crescente e em idade cada vez mais prematura dos jovens aos meios de comunicação de massa – especialmente via *smartphone* – coloca-os diante de uma profusão de imagens que exibem o corpo da mulher associada a bens de consumo. Diante do atual momento da cultura de massas, torna-se essencial à promoção da equidade de gênero e o combate ao racismo, perceber o processo histórico que deu origem à objetificação do corpo feminino – em maior grau, o da mulher negra – e à formação de padrões estéticos e normas de comportamento feminino.

Foi exatamente a reflexão a partir do referencial teórico sobre a consciência histórica e a importância do pensar historicamente que influenciou na escolha do novo direcionamento da pesquisa. Nesse sentido, partindo do princípio das três dimensões da consciência histórica – experiência no tempo, narrativa e orientação – que repensou-se que o produto final, ou seja, o material didático produzido – poderá ser utilizado não apenas no âmbito do do IFC – campus Videira. Trata-se portanto, de promover a divulgação científica do conhecimento produzido academicamente. E nesse sentido, torna-se necessário ressaltar o caráter interdisciplinar da pesquisa, mas acima de tudo a relação intrínseca entre Pesquisa-Ensino-Extensão: os procedimentos serão de pesquisa, mas o resultado será a



# FICE

8ª A FEIRA DE INICIAÇÃO  
CIENTÍFICA E EXTENSÃO

05 E 06 DE SETEMBRO

produção de um material didático – que, ao ser utilizado em sala de aula ou fora dela, permita aos estudantes e docentes, refletir e compreender o processo de investigação histórica, desenvolvendo sua consciência histórica.

## REFERÊNCIAS

- ALVES, Ronaldo Cardoso. Por um ensino de história com sentido para a vida. In: **Diálogos**. Maringá, v. 19, n. 1, p. 323-343, jan./abr. 2015.
- BLOCH, Marc. **Introdução à História**. Portugal: Fórum da História: Publicações Europa-América, 1997.
- CRAIS, Clifton; SCULLY, Pamela. **Sara Baartman and the Hottentot Venus: a ghost story and a biography**. Princeton: Princeton University Press, 2009.
- DAMASCENO, Janaína. O corpo do outro. Construções raciais e imagens de controle do corpo feminino negro: o caso da Vênus Hotentote. In: Anais do Seminário Internacional Fazendo Gênero 8: corpo, violência e poder. Florianópolis, 2008. Disponível em: <[http://www.fazendogenero.ufsc.br/8/sts/ST69/Janaina\\_Damasceno\\_69.pdf](http://www.fazendogenero.ufsc.br/8/sts/ST69/Janaina_Damasceno_69.pdf)>. Acesso em: 07 maio 2017.
- EDGAR, Andrew; SEDGWICK, Peter (eds.). **Teoria cultural de A a Z: conceitos-chave para entender o mundo contemporâneo**. São Paulo: Contexto, 2003.
- EVANGELISTA, Fernando. “Violência contra a mulher aumenta em Santa Catarina e deixa a rede de apoio em alerta - Partes 1 e 2”. In: Tribunal de Justiça de Santa Catarina, 14 dez. 2018. Disponível em: <<https://www.tjsc.jus.br/web/imprensa/-/violencia-contra-a-mulher-aumenta-em-santa-catarina-e-deixa-a-rede-de-apoio-em-alerta-parte-2>>. Acesso em: 22 de março de 2019.
- FERNANDES, Danúbia de Andrade. O gênero negro: apontamentos sobre gênero, feminismo e negritude. In: **Estudos Feministas**. Florianópolis, n. 24, p. 691-713, set.-dez. 2016.
- FOUCAULT, Michel. **Genealogia del racismo**. Buenos Aires: Editorial Altamira, 1993.
- \_\_\_\_\_. **A ordem do discurso**: aula inaugural no Collège de France, pronunciada em 2 de dezembro de 1970. São Paulo: Edições Loyola, 1998.
- \_\_\_\_\_. **As palavras e as coisas**: uma arqueologia das ciências humanas. São Paulo: Martins Fontes, 1999.
- \_\_\_\_\_. “Sexualidade e poder”. In: FOUCAULT, Michel. **Ética, sexualidade e política**. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2010. p. 56-76.
- \_\_\_\_\_. “Sexualidade e verdade”. In: FOUCAULT, Michel. **Ditos e escritos**, vol. IX: genealogia da ética, subjetividade e sexualidade. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2014. p. 11-12.
- PAGE, Willie (Ed.). **Encyclopedia of African history and culture**. 5 vols. New York: Facts On File, 2005.
- HALL, Stuart. El espectáculo del “Otro”. In: \_\_\_\_\_. **Sin garantías**: trayectorias y problemáticas en estudios culturales. Quito: Corporación Editorial Nacional, 2010, p. 420-445.
- \_\_\_\_\_. **Representation**: cultural representations and signifying practices. Londres: The Open University, 1997.



# FICE

8ª A FEIRA DE INICIAÇÃO  
CIENTÍFICA E EXTENSÃO

05 E 06 DE SETEMBRO

MOORE, Carlos. **Racismo e sociedade**: novas bases epistemológicas para entender o racismo. Belo Horizonte: Mazza Edições, 2007.

PAGE, Willie (Ed.). **Encyclopedia of African history and culture**. 5 vols. New York: Facts On File, 2005.

PENNA, Fernando de Araujo. A relevância da didática para uma epistemologia da História. In: MONTEIRO, Ana Maria (et al.). **Pesquisa em Ensino de História**: entre desafios epistemológicos e apostas políticas. Rio de Janeiro: Mauad / FAPERJ, 2014. p. 41-52.

RÜSEN, Jörn. Como dar sentido ao passado: questões relevantes de meta-história. **História da Historiografia**, n. 02, p. 163-209, mar. 2009.

\_\_\_\_\_. "Aprendizado Histórico". In: SCHMIDT, Maria Auxiliadora; BARCA, Isabel; MARTINS, Estevão de Rezende (Orgs.). **Jörn Rüsen e o ensino de história**. Curitiba: Ed. UFPR, 2011a. p. 41-49.

\_\_\_\_\_. "O desenvolvimento da competência narrativa na aprendizagem histórica: uma hipótese ontogenética relativa à consciência moral". In: SCHMIDT, Maria Auxiliadora; BARCA, Isabel; MARTINS, Estevão de Rezende (Orgs.). **Jörn Rüsen e o ensino de história**. Curitiba: Ed. UFPR, 2011b. p. 51-77.

\_\_\_\_\_. "Experiência, interpretação, orientação: as três dimensões da aprendizagem histórica". In: SCHMIDT, Maria Auxiliadora; BARCA, Isabel; MARTINS, Estevão de Rezende (Orgs.). **Jörn Rüsen e o ensino de história**. Curitiba: Ed. UFPR, 2011c. p. 79-91.

SILVA, Tomaz Tadeu da. Diferença e identidade: o currículo multiculturalista. In: SILVA, Tomaz Tadeu da. **Documentos de identidade**: uma introdução às teorias do currículo. Belo Horizonte: Autêntica, 2010. p. 85-109

TORRES, Marcele Xavier; FERREIRA, Marcia Serra. Currículo de História: reflexões sobre a problemática da mudança a partir da lei 10.639/2003. In: MONTEIRO, Ana Maria (et al.). **Pesquisa em Ensino de História**: entre desafios epistemológicos e apostas políticas. Rio de Janeiro: Mauad / FAPERJ, 2014. p. 83-97.

WILLIS, Deborah (Ed.). **Black Venus 2010**: they called her "Hottentot". Philadelphia: Temple University Press, 2010.